

O posicionamento dialogístico no gênero resenha: uma abordagem sobre a realização do significado intersubjetivo à luz do sistema de avaliatividade¹

Alex Luis dos Santos (CNPq/PIBIC/UFSJ)²
Cláudio Márcio do Carmo (DELAC/UFSJ)³

Resumo: O presente artigo faz parte de uma tradição recente de pesquisas que investigam a avaliação como recurso interpessoal no discurso em contextos dos mais variados. Assim, objetiva uma análise sobre a avaliação e a construção identitária do resenhista em resenhas acadêmicas da área de Linguística a partir da categoria de engajamento articulada por Martin e White (2005). Nesse sentido, o que se sobreleva e investiga, por meio da identificação e interpretação, são os recursos linguísticos pelos quais o resenhista adota uma postura no sentido de valorizar ou não posições que estão sendo referenciadas no texto. O que se observa é o predomínio do endosso e como a avaliatividade nesse gênero pode ser resultado de uma relação cinética de uma estrutura ainda maior em que estão contextualizadas as diversas ciências sociais em geral.

Palavras-chave: avaliação, resenhista, engajamento.

Abstract: This paper belongs to a recent research tradition into evaluation as a resource to interpersonal discourse in a variety of contexts. Thus, search an analysis on the evaluation of the reviewer and the construction of identity in academic reviews in the area of linguistics from the category of engagement developed by Martin and White (2005). In this sense, it surpasses and investigating, through of identification and interpretation, are the linguistic resources by which the reviewer takes a stance in order to recover or not the positions that are being referenced in the text. What is observed is the thorough of endorsement and as evaluative in that genre may be the result of a kinetic relationship of a structure even that is more that are contextualized in the social sciences in general.

Key-words: evaluation, reviewer, engagement.

Introdução

A abordagem sobre as formas pelas quais a linguagem é utilizada para avaliar apresenta-se como um aparelho significante do ponto de vista da instrumentalidade para se investigar a sinergia que ocorre entre o sistema linguístico e o meio social. Destarte, o presente trabalho analisa a avaliação e a construção identitária do resenhista em resenhas acadêmicas da área de Linguística a partir da categoria

1 Constitui-se como a primeira parte do trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de iniciação científica – Avaliação e construção identitária: um estudo das categorias *engajamento* e *gradação* em resenhas acadêmicas da área de Linguística - financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

2 Mestrando/bolsista CAPES-DS em Teoria Literária e Crítica da cultura. Universidade Federal de São João del-Rei. Correio eletrônico: alxlouis@hotmail.com.

3 Professor/Doutor na Universidade Federal de São João del-Rei. Correio eletrônico: claudiu@ufsj.edu.br.

de *engajamento*. Trata-se designadamente de uma abordagem crítica sobre os recursos linguísticos pelos quais autores/falantes adotam uma postura no sentido de valorizar ou não posições que estão sendo referenciadas no texto.

O que se tem verificado, segundo Meurer (2002), é a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais, de modo inclusivo a resenha acadêmica, que desenvolvam, ou contribuam para isso, instrumentais teóricos e práticos a fim de se compreender que, através de textos orais ou escritos, são criadas, de fato, representações que reverberam, constroem e/ou desafiam conhecimentos e crenças, e cooperam, de igual modo, para o estabelecimento de relações sociais e identitárias. Esse ponto de vista demonstra a amplitude da afirmação de que, além de criar e recriar representações e formas de conhecimentos e crenças, os textos também refletem, constituem e/ou desafiam e modificam relações entre os indivíduos (MEURER, 2000, p. 165).

É, então, implexo com o preenchimento dessa lacuna teórica que este trabalho utiliza a perspectiva desenvolvida e adotada por Martin e White (2005). Essa perspectiva está ancorada nas bases epistemológicas da Linguística Sistêmico-Funcional; constituindo-se numa ampliação pormenorizada da Metafunção Interpessoal desenvolvida por Michael Halliday (cf. HALLIDAY, 1985), e contempla a avaliação como o modo pelo qual o sujeito se posiciona num texto.

Tendo a ideia fundamental de que a língua constrói o contexto social e é por ela construída, a Linguística Sistêmico-Funcional constitui um referencial complacente e importante para a análise de texto pretendida. Ela é empregada pela Análise Crítica do Discurso como ferramenta analítica, por ser centrada na análise da linguagem do ponto de vista de como se dá a construção de significados na interação, assumindo sua premissa de que o sistema linguístico é utilizado, sobretudo, para satisfação das necessidades comunicativas dos falantes/produtores que dele fazem uso.

Em acréscimo, Vian Jr. (2010, p. 34), ao focar, dentro do subsistema de engajamento, o estilo interpessoal adotado pelo produtor de um texto (oral ou escrito) ainda nos esclarece que “estamos tratando de um modelo que toma por base a gramática sistêmico-funcional de Halliday, [por isso, esse modelo] segue uma orientação que relaciona os significados com o contexto em que são produzidos: o contexto de

situação e o contexto de cultura.”

Pretende-se, logo, ao partir de elementos estruturais da linguagem – especificamente os elementos linguístico-discursivos capazes de imprimir *engajamento* (e as subdivisões que serão citadas/explicadas no subtópico 1. abaixo) – perceber quais práticas discursivas estão sendo trazidas à tona e como elas contribuem para (re)descrição do gênero resenha acadêmica e para a constituição da identidade do resenhista.

Para essa análise são utilizadas dez resenhas atuais, retiradas de duas revistas do meio acadêmico, a saber, a *Revista Delta* da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a *Revista Todas as Letras* da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A escolha destes periódicos se deu por serem classificadas como Qualis (CAPES), estrato A1 e A2 respectivamente na área de Linguística – estratos que compreendem periódicos tecnicamente mais qualificados.

Cumpra expor também que estão presentes no corpo deste trabalho excertos exemplificativos das resenhas utilizadas. Estas resenhas são identificadas por uma sequência de letras e números que vai de D1 a D5 (resenhas da revista *Delta*), e de RTL1 a RTL5 (resenhas da Revista Todas as Letras).

Assim sendo, este trabalho está arquitetado de maneira tal que possibilite a dialogia entre os campos teóricos já citados dentro de uma seção de análise dos dados que antecede as considerações mais concludentes e naturalmente mais sintéticas.

Fundamentação teórica: acoplando estudos para a investigação

Os estudos sobre a avaliatividade evidenciam a linguagem em torno de uma rede sistêmica que se organiza e se interrelaciona não só em volta de um sistema linguístico, mas também em torno de um sistema de dados do contexto social (ALMEIDA, 2010).

Martin e White (2005) esclarecem que, ao se caracterizar o sistema em relação ao *contexto de situação*, tem-se a correspondência deste a *metafunções* específicas. Halliday (1985) explica que as *metafunções* estão interligadas na construção do discurso, logo, toda sentença num texto é multifuncional. Ele explana esse conhecimento propondo que a *metafunção ideacional* é representada através das experiências de mundo, a *interpessoal* (na qual se enquadra a avaliação) se constitui

através da negociação das relações sociais entre os participantes da interação, e a *metafunção textual* estabelece a organização interna do texto com base na hierarquia da informação.

Os proponentes do *sistema de avaliatividade* apresentam uma abordagem para a inscrição e construção do significado avaliativo regionalizando tal significado, potencial para o efeito retórico, comunicativo e discursivo, em três seções: *atitude*, *engajamento* e *gradação*. A primeira confere o mapeamento dos sentimentos na forma como são construídos; a segunda, ligada à ética, explora as relações estabelecidas pela voz autoral com as referendadas no discurso, tendo em vista as comunidades socialmente constituídas que partilham posições e crenças, e a última consiste numa propriedade geral de valores do significado atitudinal e de engajamento interpretando o maior ou o menor grau de positividade ou negatividade (MARTIN; WHITE, 2005).

Essas formas de se posicionar, através principalmente do engajamento, podem contribuir para a construção identitária do sujeito/produtor textual tendo em vista que, inseridas em um discurso, naturalmente serão capazes de: (1) produzir e reproduzir crenças e conhecimentos por diferentes maneiras da representação da realidade, (2) constituir relações sociais, (3) criar, ampliar ou refazer identidades (MOTTA-ROTH, 2002).

Segundo a abordagem de Martin e White (2005), as quatro seguintes opções (que podem estar presentes de forma múltipla num único texto) permitem que a voz textual varie os termos de seu engajamento com vozes e posições alternativas e construa a imagem de si:

- **declarar**: ao apresentar a proposição como altamente plausível (válida, crível), a voz textual se opõe a, suprime ou descarta posições alternativas;
- **entreteter**: ao ancorar a proposição em uma posição subjetiva individual e incidental textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis — e assim considera ou invoca essas alternativas dialógicas;
- **atribuir**: ao ancorar a proposição na subjetividade de uma voz externa, a voz textual a apresenta como apenas uma dentre um leque de posições possíveis — e assim supõe ou

invoca essas alternativas dialógicas;

- **refutar**: a voz textual se posiciona contrariamente a, ou rejeita, uma posição oposta.

O que se percebe é que o posicionamento, resultante dos valores e crenças apreendidos com as experiências vividas ao longo do tempo, retrata ações linguísticas, sociais, culturais com propriedades ideológicas e demonstra um campo em que os embates nas relações de poder são legítimos. Por isso, para Diamond (1996), o poder se relaciona ao *status* que alguém possui dentro de uma comunidade, relacionando-se também com sua identidade social, que é criada por um *rank* institucional feito pelos seus próprios membros. Nesse sentido, o discurso, intermédio elementar para a transposição das relações citadas, é concernido como “o uso da linguagem na forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 2001, p.90).

A postura intersubjetiva do resenhista: focalizando os termos de engajamento

A abordagem da categoria de engajamento dentro dos estudos da avaliatividade, consoante Martin e White (2005), atém-se ao papel que os significados dialogísticos, textos que de alguma maneira respondem a outros, seja refutando-os, confirmando-os, completando-os ou baseando-se neles, desempenham no sentido de tomada de decisão, de uma postura comprometida e, sobretudo, de uma interpretação responsiva ativa. Por estes significados, resenhistas negociam as relações de acordo ou desacordo tendo em vista o valor das posições referendadas e assimiladas nas resenhas.

Partindo disso, o que se pretende, nesse primeiro momento, é, a partir da visão sobre as estratégias de engajamento (gráfico 1), analisar como a prática de referenciação, termo aqui adequado para a ideia de inserção ou dispersão de vozes ou opiniões alternativas, coopera para a avaliação e identidade do resenhista e para o modo de construção do gênero resenha acadêmica da área de Linguística.

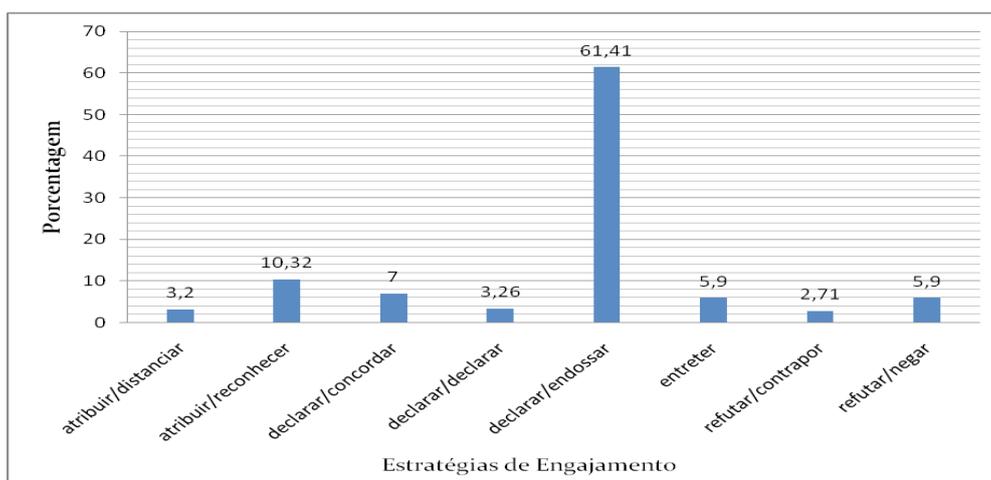


Gráfico 1: Cômputo das formas de engajamento

O que se pode notificar da representação gráfica exposta é inicialmente a predominância dos recursos intersubjetivos que visam a *declarar* (71,67%). Considera-se que essas quatro opções (*atribuir*, *declarar*, *entreteter* e *refutar*) permitem variações de perspectiva — elas permitem uma orientação diferente da diversidade heteroglósica na qual o texto opera. Essa diversidade é concernida e produzida no texto por forças sociais tais como profissão, gêneros discursivos, tendências particulares e personalidades individuais (BAKHTIN, 2004). Além disso, elas são, segundo Martin e White (2005), divididas em duas categorias gerais que se diferenciam em termos de suas funcionalidades retóricas: expansão e contração dialógica. Quando os termos para o engajamento levantam posições e vozes alternativas, tem-se a expansão dialógica, e quando, ao contrário, agem no sentido de desafiar, dispersar ou restringir o escopo dessas posições e vozes, tem-se a contração dialógica.

Destarte, ao apresentar através da estratégia de *declarar*, a proposição como altamente plausível, crível e confiável, a exemplo de *A autora demonstra...*, *O lançamento pontua...*, *A autora explica...* (resenha RTL1), a voz textual estreita o escopo de interpretações sobre o objeto de sua avaliação, opõe-se a, suprime ou descarta posições alternativas, e essa supressão, ou seja, a contração dialógica, parece ser o aspecto mais emergente da condição de *declarar* para a discussão acerca das expectativas do resenhista sobre si mesmo como ator em um contexto particular — a produção da resenha.

Essa referida discussão, já realizada por Santos (2010), porém

por meio do significado atitudinal, ou seja, das avaliações indicadoras de afeto, julgamento e apreciação, aponta o especialista como a *persona* discursiva assumida pelo resenhista da área de Linguística que esteia a ratificação e o reconhecimento desta área enquanto legítima ciência.

Os recursos linguísticos que visam à supressão (aqui se inclui, portanto, a estratégia intersubjetiva de *refutar* como prática de contração dialógica), a defender-se do que vem de fora, ou restringir o alcance de tal, que juntos representam, conforme o gráfico 1, o montante de 80,28% dos termos de engajamento, são capazes de demarcar não somente o lugar científico da área da qual faz parte o resenhista/especialista, de acordo com Santos (2010), mas também a qualidade de se destacar, de se despegar da possibilidade alternativa e de assumir em decorrência, segundo Demo (2009), uma condição eminentemente prestigiada (DEMO, 2009). A isso assoma-se, como destaca Araújo (2009), regularidades retóricas e um uso expressivo de *substantivos não-específicos* — aqueles que, segundo Winter (1992), têm sua realização totalmente compreendida apenas no discurso — uma vez que estes possuem, sobretudo, função coesiva, ajudando a constituir o texto como uma unidade semântica.

Uma outra questão a ser considerada no gráfico 1 expõe a subcategoria de *endosso* como a mais recorrente de todas as descritas pela literatura científica da avaliatividade para a articulação de um estratagema que visa por meio da categoria de declarar uma postura para seu investimento.

Pelo termo *endossamento*, o estudo da avaliatividade se refere àquelas formulações pelas quais as proposições oriundas de fontes externas são entendidas pela voz do produtor, aqui especificamente a do resenhista, como correta, válida, inegável ou de alguma maneira sustentável (MARTIN; WHITE, 2005). O mais relevante nisso é que a voz interna, a do resenhista, assume por via desse recurso a responsabilidade pela proposição, ou pelo menos partilha a responsabilidade com a fonte citada.

A postura de tomar para si, total ou parcialmente, a responsabilidade pela proposição oriunda de fonte externa é, em geral, arquitetada por processos materiais que denotam factividade. Estes incluem “mostrar”, “provar”, “localizar”, “apontar para”, e podem ser averiguados em formulações como “*Pires apresenta duas hipóteses*” e

"O autor mostra que essa especificação não é suficiente" retiradas, por exemplo, da resenha D4.

Os processos materiais factivos têm a propriedade natural de implicar por parte do escritor/falante a pressuposição de que os fatos expressos nas orações são genuinamente verdadeiros. Segundo Neves (2000), os factivos não indicam um simples evento, mas um fato, uma ocorrência naturalmente consumada, quer permaneça afirmada, quer seja negada. A circunstância de esse tipo de processo estar em maior quantidade através da estratégia intersubjetiva do endossamento assumida pelo resenhista ocorre, conforme Halliday (1994), no sentido de construir uma imagem categórica de dinamismo e comprometimento em todas as suas atividades.

Crítica sociocultural à postura intersubjetiva do resenhista

Atendidas as considerações com base na abordagem de engajamento, parte-se, por conseguinte, para um exame mais macroestrutural de um contexto sociocultural mais amplo que releve, apoiado nesses construtos, as práticas que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação nesse gênero, a fim de se compor uma crítica sociocultural dos processos de avaliabilidade nas resenhas desse tipo.

A primeira questão satisfatória às pretensões analíticas dessa parte refere-se ao investimento ideológico de um discurso assumido pelo resenhista que, como abordado, caracteriza-se como científico-acadêmico. Esse discurso sustenta a infalibilidade da ciência como fator decisivo da atividade produtiva e ostenta, segundo Lucas (2003), a ideologia de que saber é poder. Destarte, ao partir do entendimento de que as ideologias são "significações/construções da realidade" (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117), torna-se necessário compreender a arquitetura textual desse investimento.

Essa arquitetura apoia-se basicamente, dentro da categoria de engajamento, nas estratégias de contração dialógica que, por anularem a possibilidade da voz e posição diferente, ordena o espaço social, toma como única e mais satisfatória a proposição e posição assumida no discurso. Isso se dá, conforme Hanks (2008), em parte pelo fato de que a regulação da linguagem, a restrição do escopo de posições

alternativas “é uma questão de privilégio social, de controle, de disputa, de convenção e de ideologia” (HANKS, 2008, p. 139).

A anulação/contestação da diferença como modo de afirmação de um lugar prestigiado de poder e conhecimento constitui-se, nesse sentido, uma prática considerável no gênero resenha acadêmica dentro da esfera das ciências linguísticas e expõe a sinergia entre essa esfera e a sociedade moderna em geral que, consoante Rodrigues (1988), distingue os homens em duas macrocategorias: os que sabem, logo podem, e os que não sabem.

Essa sinergia, explorada dentro dos estudos linguístico-sistemicistas sob a rubrica de *instanciação*, é capaz de esclarecer conexões explanatórias sobre a metaestabilidade existente entre os casos específicos em relação ao sistema geral e entender melhor os modos de organização textual (MARTIN; WHITE, 2005). Aplicada especificamente às resenhas acadêmicas da área de Linguística, pode-se reconhecer essa área (linguística) como um caso específico mais amplo que está abrangido naturalmente pelas ciências sociais. Assim, vislumbrando ainda a ideologia de que saber é poder, Demo (2009) esclarece que entre os intelectuais bem sucedidos sobressaem os que têm origem nas ciências sociais e similares, porque estão mais afeitos às condições sociais da estruturação do poder e das vantagens.

A estruturação do poder e da vantagem, conforme Demo (2009), é produzida sobre critérios, por vezes, escusos, logicamente incompreensíveis e essencialmente dogmáticos. A relação entre a posição de poder e prestígio e conhecimento ou erudição cultural parte de um discurso de reconhecimento da ciência, enquanto conjunto metódico de saberes obtidos mediante a observação, que diligencia a confiabilidade e a credibilidade.

Essa credibilidade está sustentada pelo resenhista/especialista através do uso recorrente de processos verbais factivos que assumem os fatos expressos nas proposições como autênticos e verdadeiros. Todavia, a pretensão de verdade buscada com a forma desses processos acaba reproduzindo outro aspecto do especialista, a saber, a autoridade. Pedro Demo discute essa relação da seguinte maneira:

Onde há muita verdade, há mais autoridade que ciência.
Não há nenhuma condição de demarcar uma consciência verdadeira apenas em teoria, na pura forma, porque lá nada é

verdadeiro ou falso. Só no calor da história se podem colocar posições mais ou menos aceitáveis, quer dizer no contexto ideológico. A discussão consegue ser proficiente se adotar o critério de discutibilidade [aplica-se, logo, nesse entendimento a expansão dialógica] em sentido formal e político (DEMO, 2009, p.47).

A aparente dubiedade na relação entre verdade e autoridade discutida por Demo e presente no discurso científico-acadêmico do resenhista/especialista aponta para outra questão que, segundo a literatura da metodologia científica das ciências sociais, implicaria numa contradição.

Essa contradição é evidente e legítima no sentido de que uma das bases que justificaria a crença na ciência como agente de transformação social é, conforme Demo, “a capacidade de desconstituir a autoridade científica e político-social” (DEMO, 2009, p.42). Entrementes, na prática, o científico não se delimita sem ela; usa, articula e promove a autoridade para se tornar agente ativo para e na transformação pretendida. Essa contradição caracteriza e chama a atenção para o que Barker e Galasinsk (2001) considera uma distinção a ser observada entre a história institucional da ciência, enquanto teoria crítica, e seu potencial conceitual para a mudança e inovação.

Segundo Bourdieu (1983), cientistas e pesquisadores são ainda vistos como atores sociais que desenvolvem formas de agir estratégicas, socialmente introjetadas “onde está em jogo o monopólio da autoridade científica, definida de maneira inseparável como capacidade técnica e poder social” (BOURDIEU, 1983, p. 122).

Se se considerar, conforme Ziman (1996), que as ciências sociais, de modo inclusivo algumas áreas da Linguística, são categoricamente imprecisas, apresentam uma variação no uso operacional de seus conceitos — aspectos que impossibilitam a consensibilidade, seria possível, conforme Santos (2010), imputar a necessidade da Linguística em, por meio da autoridade científica, buscar o reconhecimento de ciência.

Considerações finais

Diante da tentativa de articulação promovida entre um arcabouço multiteórico e a observação dos dados, tomam-se como necessárias

algumas considerações que destaquem a coesão de toda a discussão realizada e que, por fundamentar-se em constatações intrinsecamente linguísticas do ponto de vista estrutural, não tendem a entregar-se a explicações redutoras e abstratas dos artefatos textuais que apontam a avaliação nas resenhas acadêmicas.

Assim sendo, inicialmente notifica-se a preferência, logo pressupõe-se a escolha do resenhista, dos recursos intersubjetivos que visam a *declarar* como estratégia de supressão de vozes e opiniões alternativas e de produção de um *status* e ambiente eminentemente prestigiado de poder.

Essa postura, contribuinte para a articulação de um resenhista/especialista, é arquitetada por meio de um discurso científico-acadêmico produzido com base em processos verbais que denotem factividade. Estes têm a propriedade de atribuir aos fatos expressos nas orações a condição de verdadeiros. Todavia, acredita-se que quase nada existe de intrínseco nos fatos discursivamente apresentados que os torne naturais, imparciais e justos, da maneira que se apresentam. Consequentemente, a qualidade de verdade produzida e embasada linguisticamente pode ser questionada e desafiada como representação discursiva, até mesmo porque o critério de cientificidade de um discurso não é a verdade da proposição que ele veicula, mas seu sistema de produção. Assim, "tanto pode haver erro na ciência quanto verdade fora dela, o que não transforma a primeira em não científica, nem os outros discursos que contêm verdades em ciência" (POSSENTI, 2009, p.196).

Nesse sentido, essa pretensão de verdade pode implicar e requerer o exercício da autoridade científica, o que denotaria uma contradição, já que a crença na ciência, enquanto agente de transformação social, é processada socialmente pelo reconhecimento da capacidade desta em desconstituir a autoridade político-social e igualmente a científica. A inconsensibilidade de algumas áreas dos estudos lingüísticos pode possivelmente motivar essa necessidade de autoridade.

A profícua discussão em torno da construção da resenha acadêmica da área de Linguística mostra como recursos linguísticos potencialmente avaliativos nesse gênero podem ser resultantes de uma relação cinética de uma estrutura ainda maior em que estão contextualizadas as diversas ciências sociais em geral. De igual

projeção, percebe-se como essas resenhas respondem não somente à necessidade de avaliação e validação da literatura científica, mas também a motivações e interesses ideológicos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Fabíola. **A avaliação na linguagem: os elementos de atitude no discurso do professor- um exercício em análise do discurso sistêmico-funcional.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

ARAÚJO, A. D. O gênero resenha acadêmica: organização retórica e sinalização lexical. In: BIASI-RODRIGUES, B; ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Orgs.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com Jonh Swales.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 77-93.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. **The Dialogical imagination.** 15ª ed. Austin: University of Texas Press, 2004.

BARKER, Chris; GALASINSKI, Dariusz. Language, Discourse, Culture. In: _____. **Cultural Studies and Discourse Analysis: a dialogue on language and identity.** London/Thousand Oaks/New Delhi: SAGE Publications, 2001. p. 1-27.

BOURDIEU, P. **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1983.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 2009.

DIAMOND, J. **Status and power in verbal interaction: a study of discourse in a close-knit social network.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social.** Brasília: Unb, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar.* London: Edward Arnold, 1985.

_____. **An introduction to functional grammar.** London: Edward Arnold, 1994.

HANKS, W. F. Texto e textualidade. In: _____. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2008. p. 118-168.

LUCAS, C. R. Discurso acadêmico em ciências humanas: o funcionamento discursivo da indexação em uma base de dados bibliográfica computadorizada. **Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação.** Campinas: GEL, v.1, n.1, p. 12-21, jul/dez, 2003.

MARTIN, J. R; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: appraisal in**

English. London: Palgrave/Macmillan, 2005.

MEURER, J. L. O trabalho de leitura crítica: recompondo representações, relações e identidades sociais. **Ilha do desterro**, Florianópolis, nº 38, p. 155-171, jan./jun., 2000.

MEURER, J. L. Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais. In: MOTTA-ROTH, D. **Gêneros textuais**. Bauru: Edusc, 2000. p. 17-30.

MOTTA-ROTH, D. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L.; MOTTA-ROTH, D. (Org). **Gêneros textuais e práticas discursivas**: subsídios para o ensino da linguagem. 1ª ed. Bauru: EDUSC, 2002. p. 77-116.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso**: ensaios sobre discurso e sujeito. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

RODRIGUES, S. **Lições do príncipe e outras lições**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 1988.

SANTOS, A. L. Valoração e constituição identitária do resenhista: um estudo em resenhas da área de Linguística. In: 1º CIELLI- COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS E 4º CIELLI- COLÓQUIO DE ESTUDO LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS, n.1, 2010, Maringá-PR. **Anais do 1º cielli**. Maringá: PLE, 2010, p. 1-20. (Disponível no site do colóquio).

VIAN JR., O. Engajamento: monoglossia e heteroglossia. In: VIAN JR. O; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**: estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade, 2010. p. 33-40.

ZIMAN, J. **O conhecimento confiável**. Tradução: Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Papyrus, 1996.

WINTER, E. O. The notion of unspecific versus specific as one way of analysing the information of a fund raising letter. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Eds.). **Discourse descriptions**: diverse linguistic analysis of a fund-raising text. Amsterdam: John Benjamins, 1992. p. 131-180.

5.1 Referências do *corpus*

ATIK, M. L. G. Avaliação institucional: ações consolidadas na graduação. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v.10, n. 1, 2008, p. 155-157.

BATISTA, R. O. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n.2, 2005, p. 112-126.

FRAGA, L. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 7, n.2, 2005, p. 106-108.

GALVES, C; ANDRADE, A. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 512-520.

GUIMARÃES, A. H. T. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 9, n.1, 2009, p. 177-179.

MATOS, F. G. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 531-534.

RAJAGOPALAN, K. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 535-541.

SARDINHA, T. B. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 497-510.

VIANA, V. Resenha. **Revista DELTA**, São Paulo: PUCSP, v. 25, n. 2, 2009, p. 521-525.

ZACCHI, V. J. Resenhas. **Revista todas as letras**, São Paulo: Editora Mackenzie, v. 8, n. 1, 2006, p. 139- 141.

Recebido em 04 de novembro de 2011.

Aprovado em 23 de março de 2012.